

ANÁLISE DO USO DE DROGAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS: COMO OS AMIGOS INFLUENCIAM NO CONTATO E DISSEMINAÇÃO DAS DROGAS

*ANALYSIS OF THE USE OF DRUGS AT PUBLIC SCHOOLS:
HOW THE FRIENDS CAN INFLUENCE THE CONTACT AND THE
SPREADING OF THE DRUGS*

Leonor Dias PAINI¹

Hugo Santana CASTELETTO²

Gustavo FONSECA³

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão acerca do uso de drogas entre adolescentes e a influência dos pares no meio escolar público, para que se encaminhem jovens e adolescentes ao consumo indiscriminado de substâncias lícitas e ilícitas, assimilando a interdependência de

¹ Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela USP (Universidade de São Paulo) em 2006. Integra o Grupo de Pesquisadores do CNPq denominado GEPECADIS. É professora universitária pelo Departamento de Educação da Universidade Estadual de Maringá e atua na área de Psicologia Escolar, Educacional e em Psicopedagogia. Desenvolve pesquisas e atividades na área de Educação, com ênfase na formação de professores e no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva Histórico-Cultural. Pesquisa atualmente a historiografia das temáticas tratadas em Psicologia Educacional, com temas emergentes, tais como: indisciplina escolar e o comportamento dos jovens frente aos avanços tecnológicos e a mídia em geral. Email - ldpaini@uem.br

² Bacharel em geografia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, assistente de pesquisa do Observatório das Metrópoles - Núcleo Maringá/PR, onde trabalha com temas como: Violência na Escola e Política Social e Habitacional. Email: hugo_casteletto@hotmail.com

³ Bacharel em geografia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: gustavofonseca278@gmail.com

principalmente dois conceitos - o indivíduo e os pares na escola – de interesse na proteção dos jovens e adolescentes no uso de substâncias nocivas.

Palavras-chave: Escolas públicas. Drogas. Violência na escola.

Abstract: This article aims a discussion about the use of drugs among young people and the influence of peers in public schools; in order that to lead young and teens to the indiscriminate consumption of licit and illicit substances, assimilating the interdependence of two concepts - the individual and the peers at school – in order to protecting to young and teens in the use of harmful substances.

Keywords: public schools, drugs, violence at school

Introdução

Nesse artigo apresentam-se dados quantitativos e discutem-se os mesmos em torno de conceitos que servem de base para o diálogo coerente sobre a influência do meio escolar na iniciação dos adolescentes no mundo das drogas.

A idade que constitui a adolescência se aflora principalmente nas séries escolares que constituem o Ensino Médio Escolar. Assim, podemos lembrar que é uma dada fase da idade humana, em que o adolescente está em busca de uma identidade, que possa representá-lo como pessoa, sendo alvo de várias influências e novas experiências que poderão definir sua personalidade por bons anos.

O contato com as drogas nessa fase pode mostrar-se nocivo, uma vez que estão por se conhecer ainda. O uso de álcool, tabaco e maconha são os mais frequentes nesta idade, não podendo esquecer que o consumo de crack, não apenas entre adolescentes do Ensino Médio, mas também nos mais novos, vem aumentando alarmantemente no contexto brasileiro de escolas públicas. Checker (2004): “a família tem o papel de inserir seus membros na cultura, tendo direta relação de como o adolescente reage à ampla oferta de drogas na sociedade, mais especificamente no meio escolar”.

Estratégias de prevenção

Segundo Schenker (2004), o contexto dominante para os adolescentes usuários de drogas são seus pares na escola e em uma proporção menor, o entorno da sociedade, podendo assim ser entendido como “manifestação de uma experimentação apropriada para sua etapa de desenvolvimento”.

Em estudos feitos por Shedler e Block (1990) ele consegue identificar adolescentes que não usam drogas, os que experimentam e os que abusam das drogas, e conclui que, na fase adolescente não se espera que eles abusem das drogas, dado o fato de não apresentarem necessidade de utilizá-la para saciar angústias emocionais ou compensar a falta de relações importantes. Contudo podemos lembrar que é um estudo de outra realidade. Ao se lembrar da realidade brasileira e mais precisamente a realidade do ensino público e de quem faz uso, podemos entender que o abuso de drogas hoje, na realidade brasileira, se faz presente nos diversos contextos estudados.

Podemos então dizer que para se prevenir o uso de drogas, não

apenas ao se experimentar, mas também o abuso da mesma, devemos buscar na iniciação da personalidade e suas etapas de formação, “a) colocar expectativas claras relativas ao comportamento; b) monitorar e supervisionar as crianças; c) reforçar com consistência de atividades que favoreçam a socialização; d) criar oportunidades para o envolvimento familiar; e) promover o desenvolvimento das habilidades acadêmicas e sociais dos jovens” Hawkins (1992). Assim, segundo o próprio autor, a habilidade de tratar essas etapas na família e na escola, é que vai propiciar a redução de problemas de comportamento das crianças nos primeiros anos de vida e conseqüentemente nos anos da adolescência.

Ainda segundo Hawkins (1992) há quatro elementos do vínculo social que se mostram relacionados ao uso de drogas entre adolescentes: a) vínculo forte com os pais; b) compromisso com a escola; c) envolvimento regular com movimentos; d) crenças nas expectativas gerais, normas e valores da sociedade. Desta forma, não se pode confundir o estilo de vida dos adolescentes com a iniciação do mesmo no mundo das drogas, sendo a intervenção, quanto menor a família, escola e comunidade, mais eficaz para a prevenção ao uso de droga.

Podemos então lembrar que a influência gerada pela família, na fase infantil, é principalmente da escola e comunidade; na fase da adolescência, é de suma importância para a prevenção, principalmente do uso abusivo de drogas, vez que os dados se mostram que a cada dia mais adolescentes experimentam algum tipo de droga e cada vez mais fazem uso abusivo; refletindo problemas gerados dentro de casa e na sociedade, especificamente no meio escolar.

Drogas na adolescência

Não é um fenômeno único e isolado, o fato do grande aumento do uso de drogas entre os adolescentes, durante a década passada, no Brasil, Estados Unidos e em outros países. Acreditava-se que, na década de 60, os jovens passaram a consumir mais drogas com o advento da cultura, e essa crença limitava-se somente a eles. Tal crença é uma ilusão e só pode obstruir as tentativas de se colocar o problema em perspectiva adequada.

O emprego e abuso propagado de drogas não se restringem aos adolescentes e não começou com o advento da cultura jovem dos anos 60, como qualquer um que tinha 20 anos na década de 20, pode atestar.

Conquanto possa haver diferenças significativas entre as gerações, no que concerne aos seus padrões de uso de drogas, a sociedade mais ampla, da qual os adolescentes são uma parte, há muitos anos vem-se desenvolvendo como uma “cultura da droga”. Por exemplo, de um quarto a um terço de todas as prescrições médicas atualmente feitas no Brasil e em outros países são estimulantes ou comprimidos para regime (anfetaminas) ou tranquilizantes. Entre 1964 e 1977, as receitas de Valium e Librium, os dois tranqüilizantes mais usados, aumentaram de 40 para 73 milhões por ano, só nos Estados Unidos.

Revistas, jornais, rádios, televisões bombardeiam as pessoas com mensagens insistentes de que há alívio para quase tudo: ansiedade, depressão, excitação, e depende “exatamente de engolir mais um comprimido”. Nas palavras de um garoto de 13 anos: “espera-se que nós não tomemos drogas, mas a TV está cheia de comerciais mostrando pessoas correndo para obter seus comprimidos porque alguma coisa as incomoda”. Os adolescentes que adotaram essa maneira de ver como

é a vida e como deve ser conduzida, podem apenas estar refletindo modelos sociais e paternos.

Através de pesquisas tem se mostrado que os jovens, cujos pais fazem uso significativo de drogas como álcool, tranquilizantes, fumo, sedativos e anfetaminas são mais inclinados que os outros adolescentes a usar maconha, álcool e outras drogas. Como em pesquisa disse-me um garoto de 15 anos: “em minha casa, não se pode espirrar sem tomar algum comprimido. Minha mãe está sempre tomando alguma coisa para dor de cabeça, e meu pai para ficar acordado a fim de trabalhar a noite. Eles não são alcoólatras, mas certamente bebem muito. Assim sendo, sou algum criminoso por fumar maconha?”

Embora muitos adolescentes estejam se tornando dependentes de drogas de alto risco, a maioria não está fadada a seguir o mesmo caminho. Apesar das predições lúgubres do fim dos anos 60 de que estávamos na iminência de uma “epidemia” de uso de drogas entre adolescentes, nada disso realmente aconteceu. O uso da maconha, álcool e fumo está disseminado entre os jovens; mas o uso das drogas da “contracultura”, como o LSD e outras substâncias, inalantes (cheirar cola), estimulantes (anfetaminas) e calmantes (barbitúricos) e produtos que ingressaram mais recentemente no campo das drogas da juventude, como heroína, cocaína, PCP (“pó de anjo”), quaaludes etc., não tem sido detectados senão em uma de cada cinco pessoas no Brasil, (e o índice geralmente é menor em outros países ocidentais). Muitos, dentre os antigos consumidores ocasionais, abandonaram tais drogas sem as substituir por outras.

Não podemos tapar o sol com peneira, não há lugar para complacência. Embora seja certo afirmar, por exemplo, que “apenas” de 3% a 5% dos estudantes de nível colegial no Brasil já experimentaram

a maconha, isso significa mais de um milhão de jovens. Além disso, o uso de drogas “tradicionais” (isto é, de adultos), sobretudo o álcool, tem aumentado nos últimos anos, mais notadamente entre os adolescentes mais jovens.

Drogas na escola

O mundo está cada vez mais competitivo e exige um preparo intelectual cada vez maior. A globalização por sua vez também sufoca quem foge dela. O jovem se vê imaturo e despreparado para decidir e encarar as exigências provenientes da globalização. Hoje a infância e a adolescência estão sendo abreviadas. Exige-se de uma criança e de um jovem uma responsabilidade muito grande. Por outro lado, o jovem encontra o conflito de gerações: os avós, os pais e os filhos. A educação da criança é motivo de preocupação, pois na vida adulta ela encontrará muitas limitações.

É com essa preocupação que Salete Maria Vizzolto, uma grande educadora, dedicou parte de seu tempo ao estudo e ao problema das drogas nos meios escolares, destacando gerações distintas: a primeira paternalista, autoritária, machista; a segunda liberal e pais dedicados ao trabalho para o sustento da família; a terceira, jovens solitários, sem conhecer a dimensão de família, dedicados a malhação, culto (pelo) ao corpo e aos mil cursos ou, muitas vezes, dedicado a “faço o que quero, quando quero, onde quero”, sem nenhum objetivo, mas se sentindo donos do mundo, quando reunidos em suas gangs. Muitos recorrem à droga como forma de resolver conflitos internos ou como forma de fugir de conflitos pessoais, sociais e, sobretudo familiares. Ou mesmo para relaxarem diante de tanta exigência social. Daí para uma primeira

vez é fácil, mas para uma última vez é difícil.

É como um labirinto: fácil de entrar, mas difícil de sair. O papel dos pais é muito importante para educação dos filhos. A criança criada sem limites, expondo-se diariamente aos perigos a elas inerentes, corre o risco de ser dependente de drogas.

Muitos jovens são levados ao contato com as drogas através dos próprios colegas e outros por uma curiosidade inicial diante de comentários a respeito dos poderes afrodisíacos e fantásticos das drogas. Outros para pertencerem a um determinado grupo são submetidos a um “batismo” na droga. Outros usam para provarem que são “machos”, fortes e destemidos.

O ambiente pernicioso do bairro e de algumas escolas também é causa da iniciação de jovens no mundo das drogas.

A criança e o jovem de hoje se sentem, muitas vezes, abandonados afetivamente. O pai e a mãe trabalham. A droga acaba sendo uma alternativa e solução para eles. Pesquisas e testes psicológicos mostraram que muitos jovens não se sentem amados pelas próprias famílias. Falta presença paterna e materna na vida dos filhos; faltam afeto e carinho.

Fatores que induzem o consumo de drogas e informação dos efeitos causados pelas diversas drogas constituem os três primeiros capítulos deste livro. No quarto e último capítulo o papel da escola é abordado. Objetivos da escola como instituição social é discutido. A autora defende a responsabilidade da escola como formadora de consciência, para promover um programa antidrogas na escola. Aponta ainda, estratégias a serem usadas, ressaltando que a participação de pais e da comunidade é essencial. (VIZZOLTO, 1991).

Na conclusão justifica sua proposta lembrando que o aluno é a razão da escola existir, ajudá-los a interagir com o mundo, aprender o sentido da liberdade, é tarefa da escola.

Resultados

Com os dados obtidos através dos questionários aplicados, foi possível observar que o uso indiscriminado de substâncias lícitas e ilícitas entre os jovens vem se tornando cada vez mais comum, principalmente entre pares escolares, uma vez que são os vínculos mais próximos que os jovens desta idade possuem.

Foram aplicados 30 questionários, na 3ª série A do Ensino Médio do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá, formando assim os dados de amostragem deste trabalho.

Foi questionado sua idade, sexo; se já foi reprovado; se já experimentou drogas; se conhece alguém que já experimentou; tipos de drogas experimentadas; há quanto tempo usa drogas; frequência com que usa droga, entre outras questões, que foram relevantes para conclusão dos resultados e sistematização no padrão de respostas.

Dos 30 questionários, 16 entrevistados eram do sexo masculino e 14 do sexo feminino, com uma média de idade de 16,5 anos, sendo o mais velho com 18 e o mais novo com 16 anos de idade.

Ao serem questionados sobre se já haviam sido reprovados, obtivemos a resposta de que 8 dos 30 alunos entrevistados, já haviam reprovado ao menos 1 ano, sendo que 8 desses alunos, 3 eram homens e 5 mulheres, todos com 18 anos completos ou a completar. Isso reflete em algumas respostas apresentadas ainda neste artigo, em que o que se observa é o mínimo contato com as drogas, não tendo direta relação o consumo de drogas com a repetência escolar, vez que os demais alunos

apresentaram características na respostas de já terem tido algum contato com as drogas.

Como lista taxativa para o questionário, definimos as drogas lícitas e ilícitas, sendo álcool, cigarro, maconha e crack, uma vez que são as drogas mais consumidas entre os jovens de idade entre 15 a 17 anos. Quando questionados sobre que drogas eles já haviam experimentado, foi observado que 90% dos alunos entrevistados já haviam experimentado ao menos uma das drogas citadas, quando não mais que uma. Assim, na Figura 1 vemos em percentual as respostas obtidas, verificando que o álcool é a droga que eles tiveram maior contato, lembrando ainda que em todas as respostas, ou o indivíduo apenas experimentou álcool ou experimentou o álcool e mais um tipo de droga, estando diretamente relacionado o consumo do álcool com outros tipos de drogas, principalmente o cigarro. Outro dado importante é que, das mulheres entrevistadas, nenhuma havia experimentado cocaína, contudo entre os homens houve dados que mostraram que alguns deles já haviam experimentado.

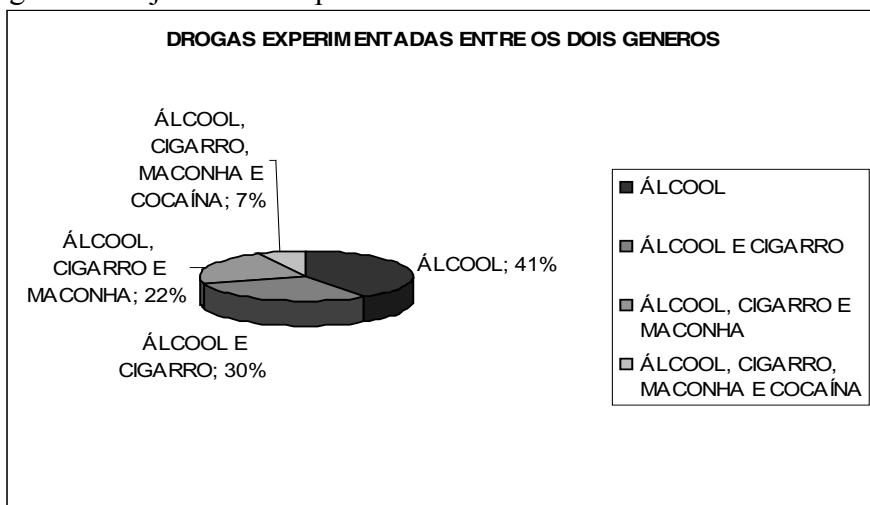


Figura 1 - Drogas Experimentadas entre os homens e mulheres

Como observamos, dos 90% entrevistados que mostraram já ter usado algum tipo de droga, um total de 31% já fez uso de drogas ilícitas (drogas proibidas), fato esse, que se torna preocupante, vez que se trata de pessoas, em sua maioria, menores de idade. Assim, seguindo o questionário, foi questionado se pelos menos eles conheciam alguém que já tivesse usado drogas e que tipo de drogas esta suposta pessoa já havia experimentado (figura 2 e 3). O interessante é que os mesmos entrevistados disseram que além de já terem experimentado, conheciam alguém que já experimentou, contudo as drogas experimentadas pelos “amigos” são em sua maioria, mais pesadas e em maior quantidade, ou seja, a velha história contada entre os jovens, “eu não uso, mas eu sei quem usa”, caracterizando ainda mais a hipótese dos pares escolares serem um dos principais fatores da disseminação das drogas na fase adolescente.



Figura 2 - Total, em porcentagem, de pessoas que conhecem alguém que usa ou já usou algum tipo de droga

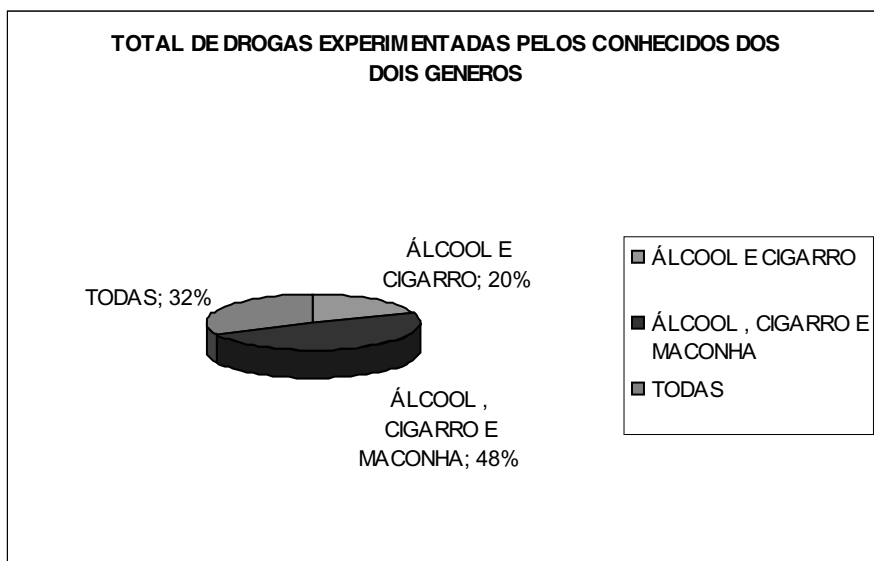


Figura 3 - Drogas experimentadas pelos amigos dos entrevistados

Vemos então que o consumo de droga dos amigos de escola tem como principal dado o consumo de álcool, cigarro e maconha, diferente do consumo de droga dentro de sala de aula (figura 1) que praticamente se resume ao álcool. Assim, foi questionado se eles influenciavam alguém a usar e como já havíamos previsto, obtivemos 100% de resposta de que “não”, eles nunca influenciaram alguém a usar. Dado este que parece duvidoso, uma vez que dos que já experimentaram drogas, ao menos eles conhecem um amigo que aparentemente consome mais drogas do que eles, gerando dúvida na honestidade da resposta.

Em sua maioria, os jovens começam a experimentar drogas entre os 13 e 15 anos de idade e geralmente caracteriza-se por álcool, com a companhia dos amigos ou por curiosidade, uma vez que em sua maioria não sofrem problemas emocionais, esta sim, a grande causa do consumo abusivo de drogas pesadas.

Interessante lembrar que, ao serem questionados se já haviam experimentado drogas, a pesquisa não quis direcionar se eles ainda faziam uso da droga, mas sim levantar a questão a respeito da frequência do uso dessas drogas (figura 4). Ainda obtivemos outro dado muito interessante, em que mais da metade dos entrevistados, não admitem fazer uso frequente das drogas citadas, nos confrontando os dados em que eles admitem terem experimentado (figura 1) e os dados em que seus amigos já experimentaram (figura 3), sendo que do total que admitiu o uso de drogas com frequência a maioria era do sexo feminino, cerca de 70%.

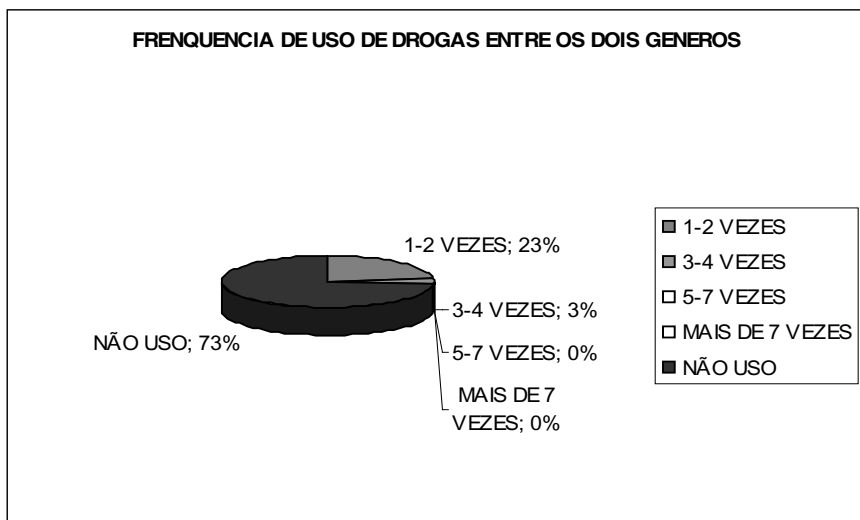


Figura 4 - Frequência de uso de drogas entre os entrevistados

Seguindo a mesma linha de investigação, voltamos e perguntamos diretamente ao entrevistado se ele se considerava um viciado. Obtivemos 57% de pessoas que admitem não usar drogas e 43% que admitem não se considerar viciados, ou seja, 47% do total da sala, voltou a admitir que usava drogas, depois de ter dito que não usava. Concluimos desta feita que o questionamento gera medo ao se tratar do assunto, sendo um dos maiores

obstáculos para compreensão da disseminação das drogas na escola.

Por fim fizemos mais 3 perguntas, onde em 2 dessas obtivemos 100% no resultado, (onde) as questões eram: “você acha fácil parar de usar drogas?” obtivemos 100% de resposta “sim”; e “você concordaria em fazer um tratamento?” obtivemos 100% de resposta de que eles não são viciados.

Já a última pergunta, e mais relevante, era como eles conheceram o mundo das drogas e como tiveram o primeiro contato. O surpreendente é que os dados obtidos nos refutam a hipótese tratada neste trabalho, onde o meio escolar pode e está disseminando drogas através do contato entre os pares na escola. Dos 90% de alunos que consideraram já terem usado/ experimentado drogas, 37% disseram ter usado pela primeira vez com um colega de escola e 33% com amigos em festa, que muitas vezes são os próprios amigos da escola. Assim, temos uma clara relevância no estudo da disseminação de drogas na escola, uma pelo fato de estarem ocorrendo e outra pelo fato claro do acobertamento dos alunos para com o assunto.

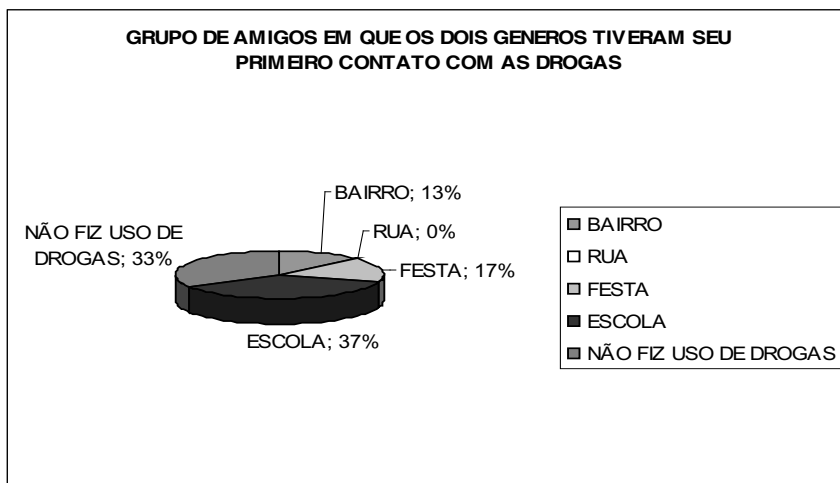


Figura 5 - Grupo de amigos que os entrevistados fizeram uso de drogas

Conclusão

Entendemos, portanto, que o uso indiscriminado de drogas entre adolescentes vem aumentando alarmantemente, principalmente na faixa etária de 15 a 18 anos, que compreende a fase da idade do Ensino Médio.

A iniciação desses jovens no mundo das drogas lícitas e ilícitas consiste principalmente nesta idade, quando a curiosidade e a necessidade de se ter uma identidade, levam os jovens a buscarem novas formas de se interpretarem, mudando seu consciente, para que, dessa forma, possam se identificar com variadas formas.

Outro fator importante para o consumo indiscriminado de drogas na adolescência é a formação dos pares na escola, onde há, de forma clara, a influência gerada entre os grupos para que haja, de certa forma, uma aceitação maior do adolescente para drogas tais como: cigarro, maconha, crack e cocaína, mas principalmente esta, ligada ao consumo do álcool, porta de entrada para esse novo mundo, o mundo das drogas.

Podemos entender que os fatores de proteção são de suma importância para o acompanhamento do adolescente na fase inicial da vida. Desde a convivência com os parentes, sendo aconselhado e apresentado ao mundo de forma a entender os efeitos nocivos das drogas, até a fase de “libertação” do adolescente, que consiste na fase do Ensino Médio, em que o adolescente torna sua atenção aos seus amigos na escola; sendo eficaz neste caso, o acompanhamento familiar, as amizades de seus parentes, e principalmente o acompanhamento escolar, visando observar possíveis condutas errôneas entre os jovens.

PAINI, Leonor Dias; CASTELETTO , Hugo Santana; FONSECA, Gustavo. Análise do uso de drogas nas escolas públicas: como os amigos influenciam no contato e disseminação das drogas. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v.8, n.8, p. 28 - 44, nov.2010.

Referências

ABERASTURY, A. O mundo do adolescente. In: Aberastury e outros. **Adolescência**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1986.

ASSIS, S. G. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

D'ANDREA, Flavio F. **Desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: DIFEL, 1982

FREDA, F.H. **Adolescência**: Uma crise do Pai. Conferência proferida durante Seminário: Drogas e Adolescência: Uma crise do Pai. Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas. Salvador: CETAD/UFBA , 1992.

HAWKINS, J. D., CATALANO, R. F.; MILLER J. Y.. Risk and Protective Factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention **Psychological Bulletin**, v.112, n.1, p.64-105, 1992.

LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Edusp, 1988. p. 103-117.

SHEDLER, J. ; BLOCK, J. Adolescent drug use and psychological health. **American Psychological**, v. 45, n.5, p.612-630, 1990.

SCHENKER, M. et al. **Fatores de Risco e Proteção para uso de drogas na adolescência**. 2005. Disponível em : < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>>. Acesso dia 05/05/2011.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII et al. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

VIZZOLTO, S. M. **A droga, a escola e a prevenção**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991, p. 1-10.